Correio da Manhã

Fernando Baldo

#cm 2

FIM DE SEMANA

‘O veneno DO TEATRO’

A peça estrelada por Osmar Prado e Maurício Machado, volta a Brasília quase 3 anos após sua estreia na capital. **A montagem brasileira, a primeira no mundo com música ao vivo, já atraiu mais de 60 mil espectadores.** O suspense de Rodolf Sirera combina intrigas, reviravoltas e um duelo entre os protagonistas. **Página 16**

ENTREVISTA | **NUNO LEAL MAIA**

ATOR

‘Está faltando a gente se amar mais’

Divulgação



Nuno Leal Maia como o taxista Nicola em cena na comédia ‘Meno Male’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Campeoníssimo de audiência na Globo dos anos 1980 e 90, emendando folhetins inovadores, como “Vereda Tropical” (1984), “A Gata Comeu” (1985), “Top Model” (1989) e “Vamp” (1991), o santista Nuno Leal Maia entrou em erupção nos palcos - terreiro onde iniciou a carreira, no apagar das luzes dos anos 1960 - num dos papéis que tornam a peça “Meno Male” uma hilária cartografia do Brasil. O texto, de 1987 (mas ainda atualíssimo), é de um ator, Juca de Oliveira (1935-2026), que virou um jorro de dramaturgia nas artes cênicas. Nuno, que sempre amou futebol e chegou a treinar equipes, hoje ataca como craque no Teatro dos 4, sob a direção de Léo Stefanini, no papel de um taxista que pisa no freio ao sentir feder a marola corrupta (modo minion) que empesteia a nação. Nicola, chofer de praça amante de ópera, italiano imigrado para a Mooca, cuida da sua neta, a estudante Angelina (Naiara de Castro), como quem protege um tesouro. É um avô com “A” maiúsculo. Só não sabe que a moça anda saracoteando a mil, e em fricções horizontais, com um político maroto (Joaquim Lopes), que tem esposa furibunda (Suzy Rêgo), secretária (e dublê de amante) zelosa (Antoniela Canto) e um aspone invejoso (Carmo Dalla Vecchia, em estado de graça em cena).

Aos 79 anos, Nuno já fez de um tudo na arte de atuar, desde hastear a bandeira hippie em “Hair” até encarar o “Escorpião Escarlate” do mestre do terrir Ivan Cardoso. Agora ele joga no time da gargalhada crítica das artes cênicas. “Meno Male” permanece no Teatro dos 4, a lotar salas, até 29 de novembro, mas ele quer ficar mais com Nicola. Tomou gosto por aquela quixotesca figura, que resgata as doçuras de um país que fez dele um símbolo de povão, em especial o bicheiro Tony Carrado de “Mandala” (1987), que cortejava Jocasta (Vera Fischer) ao som de Rosana, a cantar “Como Uma Deusa”.

Em cerca de cinco décadas de meia de ofício, o ator arrastou multidões para as salas de cinema numerosas vezes, estrelando blockbusters como “O Bem Dotado, O Homem de Itu”, visto por 2,4 milhões de pagantes em 1978. A seguir, Nuno chuta a gol, na cancha da saudade, remorando sua travessia pela excelência.

De que maneira a São Paulo de “Meno Male”, na dramaturgia de Juca de Oliveira, hoje nos palcos do Rio, é um microcosmo do Brasil?

NUNO LEAL MAIA — A peça retrata a São Paulo da época em que Juca de Oliveira escreveu o texto, ali pelo fim dos anos 1980, mas com muito da década de 1970. Eu não convivi muito com ele, nem vi a montagem original, mas hoje encontro ali um universo maravilhoso, de muita riqueza. Tenho uma tradição no teatro: fiz “Hoje É Dia de Rock”, com Zé Vicente, atuei em textos de Plínio Marcos e de Nelson Rodrigues, fiz Tennessee Williams. O teatro é como se fosse uma escola. A gente sempre aprende. Com esse texto do Juca, eu aprendo um pouco mais sobre o homem brasileiro.

Não seria exagero algum afirmar que, entre o fim dos anos 1970 e meados da década de 1980, você foi o cinema brasileiro... na sua natureza mais viva e popular. Sua presença nas telonas do país era gigante... e constante, em sucessos como “O Bem Dotado, O Homem de Itu” e “Dama do Lotação” e em cults como “O Beijo da Mulher Aranha”. Na TV, tivemos o Tony Carrado de “Mandala” e o Gaspar de “Top Model”. Cada sucesso desse trazia, a partir do seu talento, uma representação diferente para a masculinidade brasileira. Essa sua sintonia com os signos do “homem do Brasil” foi algo pensado? Que homens são esses?

Foram personagens muito diferentes. Por exemplo, eu filmei com o Eduardo Escorel “Ato de Violência”, inspirado na história do (assassino) Chico Picadinho, que trazia um outro olhar sobre o masculino - e que a gente precisa discutir. Teve o “Ao Sul Do Meu Corpo”, que fiz com o Paulo Cezar Saraceni (e que representou o Brasil na Berlinale, em 1983), e era muito singular. A partir do texto do Juca, o que eu vejo é: o homem brasileiro hoje está muito dividido. Um pouco como a nossa política. O meu personagem, em “Meno Male”, responde um pouco a isso com afeto. É um homem amoroso.

O que o personagem Nicola tem a dizer ao público para além das situações cômicas?

Ele tem uma fofura que está faltando. Está faltando a gente se amar mais.

Sua atuação hilária no palco com “Meno Male” é de se aplaudir de pé e pedir bis, impressionando em especial as gerações que cresceram numa época em que sua imagem era mais recorrente no audiovisual do que nas salas de espetáculos. Como se desenha sua trajetória teatral?

Eu fiz muito teatro, a partir de 1970, quando entrei na montagem de “Hair”, com a Sonia Braga, como parte da tribo hippie do espetáculo. Aliás, teve uma vez, no Rio, em que eu e o Pingo, o irmão (também ator) do Paulo César Peréio, em meio à divulgação desse musical, fomos parar na antiga redação do Correio da Manhã, vestidos como hipongas. O que acontece é que o cinema, por gostar muito de mim, sempre aparece na minha vida. E eu amo o cinema também. Eu vou ao cinema desde os cinco anos de idade. Adorava chanchada. Vi “Nem Sansão, Nem Dalila” cinco vezes! Não vou ao teatro como vou ao cinema, mas sei o quanto o palco tem valor e como o teatro é importante para o ator. Mas aprender a técnica do cinema, que é muito difícil, é um barato, sobretudo saber como ter interação com a câmera.

O cinema brasileiro vive um momento de transformação. Como o senhor enxerga o futuro da produção nacional?

Tenho notado um movimento de internacionalização do nosso cinema, mas também uma certa elitização, o que pode fazer a gente perder público. Mas o cinema tá aí. Ele nunca acaba e eu tenho um filme para lançar, chamado “Sangue de Groselha” (Marko Martinz e Loli Menezes), com Natália Lage e Marcos Breda.

Atleta, o senhor também é um apaixonado por futebol e chegou a ser técnico de times (como o São Cristóvão). Como avalia o momento do esporte brasileiro?

Vejo com tristeza o futebol brasileiro hoje. Acho que a gente retrocedeu. Os jogadores se embruteceram e as arbitragens se corromperam. Perdemos um pouco a identidade. Não fizemos jus àquilo que o Zagallo sempre buscou: que a gente tivesse uma identidade.

O Brasil deveria investir mais na formação de jogadores?

Quem ganhou cinco títulos em Copas do Mundo deveria ser uma escola de formação de jogador e não importar técnicos.

Como torcedor do Fluminense, o que o incomoda na equipe atualmente?

O Ganso é um dos poucos que ainda representam um tipo de futebol de que gosto. Um jogador como ele, que joga com inteligência, é raro. Fiquei feliz com a chegada do Marcão como técnico, mas o Nonato não é para ser titular. O negócio é botar o Hércules para jogar.

SERVIÇO

MENO MALE

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 29/11, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R$ 173,37 (inteira) e R$ 73,68 (meia)

‘Gonzaguinha É’ lidera indicações ao Prêmio FITA

Musical da Barca dos Corações Partidos concorre em oito categorias, seguido por ‘Alta Sociedade’ e ‘O Formigueiro’, com sete cada

A Barca dos Corações Partidos tem motivos de sobra para comemorar os 15 anos da companhia. O musical “Gonzaguinha É”, dedicado à vida e à obra do compositor, saiu na frente na corrida do Prêmio FITA de Teatro 2026, cujos indicados foram anunciados nesta semana: são oito indicações, mais do que qualquer outro espetáculo da 18ª Festa Internacional de Teatro de Angra. Logo atrás, empatados com sete indicações cada, aparecem “Alta Sociedade” e “O Formigueiro”. A cerimônia de premiação está marcada para novembro, no Rio, sem data confirmada pela organização.

O prêmio coroa os destaques da programação da FITA, que entre 7 e 24 de outubro reuniu mais de 20 espetáculos na tenda montada em Angra dos Reis, um dos mais tradicionais festivais de artes cênicas do país.

Idealizada e dirigida por João Carlos Rabello, a festa é patrimônio imaterial da cidade e já levou mais de um milhão de espectadores ao teatro desde sua criação. A homenageada da edição foi Arlete Salles que, aos 88 anos, encenou o primeiro monólogo da carreira, “Mande Notícias do Mundo de Lá”, com texto e direção de Carlos Jardim. Ela volta a ser lembrada na cerimônia do prêmio, em homenagem especial.

O júri oficial é formado pelo jornalista e crítico teatral Dirceu Alves Jr., presidente da comissão, e pelas atrizes Kelzy Ecard e Suzana Nascimento. Eles avaliaram as montagens em 14 categorias, que contemplam dramaturgia, direção, cenografia, figurino, iluminação, trilha sonora, atuações coadjuvantes e revelação, entre outras frentes da criação teatral.

OS INDICADOS

Melhor Espetáculo: “Alta Sociedade”, “O Formigueiro”, “Gonzaguinha É”, “A Vida Passou por Aqui” e “Visitando o Sr. Green”.

Dramaturgia: Carlos Jardim (“Mande Notícias do Mundo de Lá”), Cláudia Mauro (“A Vida Passou por Aqui”), Renata Mizrahi (“Como a MPB Acabou com a Minha Vida Amorosa”), Renato Borghi (“Minha Estrela Dalva”) e Thiago Marinho (“O Formigueiro”).

Direção: Alexandre Reinecke (“Toc Toc”), Alice Borges (“A Vida Passou por Aqui”), Emilio de Mello (“Alta Sociedade”), Guilherme Piva (“Visitando o Sr. Green”) e Thiago Marinho (“O Formigueiro”).

Melhor Ator: Diogo Vilela (“Cauby – Uma Paixão”), Édio Nunes (“A Vida Passou por Aqui”), Elias Andreato (“Visitando o Sr. Green”), Orã Figueiredo (“Alta Sociedade”) e Rodrigo Fagundes (“O Formigueiro”).

Melhor Atriz: Cláudia Mauro (“A Vida Passou por Aqui”), Debora Lamm (“A Pediatra”), Flávia Santana (“Como a MPB Acabou com a Minha Vida Amorosa”), Julia Lemmertz (“Alta Sociedade”) e Soraya Ravenle (“Minha Estrela Dalva”).

Ator Coadjuvante: Adrén Alves (“Gonzaguinha É”), Diego de Abreu (“O Formigueiro”), Fábio Esposito e Walter Breda (ambos por “Sete Minutos – Uma Comédia no Tempo Certo”) e Paulo Mathias Jr. (“Toc Toc”).

Renato Mangolin/Divulgação



‘Gonzaguinha É’ recebeu oito indicações

Atriz Coadjuvante: Ana Andreatta (“Sete Minutos – Uma Comédia no Tempo Certo”), Francis Helena Cozta (“O Segredo de Brokeback Mountain”), Iara Jamra (“Toc Toc”), Luiza Loroza (“Gonzaguinha É”) e Sara Freitas (“Toc Toc”).

Trilha Sonora: Alfredo Del-Penho e Beto Lemos, pela direção musical e arranjos de “Gonzaguinha É”; Breno Ganz, pela direção musical de “O Segredo de Brokeback Mountain”; Liliane Secco e Roberto Bahal, pela direção musical de “Cauby – Uma Paixão”; e William Guedes, pela direção musical e arranjos de “Minha Estrela Dalva”.

Cenário: Chris Aizner, indicado duas vezes, por “Alta Sociedade” e “Visitando o Sr. Green”; Gustavo Valente (“Funk Brasil – No Ritmo do Amor”); Márcia Moon (“Minha Estrela Dalva”); e Victor Aragão (“O Formigueiro”).

Figurino: Carol Lobato (“Gonzaguinha É”); Fábio Namatame, também indicado duas vezes, por “Minha Estrela Dalva” e “Sete Minutos – Uma Comédia no Tempo Certo”; e Karen Brusttolin, indicada por “Alta Sociedade” e “Visitando o Sr. Green”.

Iluminação: Adriana Ortiz (“O Segredo de Brokeback Mountain”), Ana Luzia Molinari de Simoni (“Gonzaguinha É”), Daniela Sanchez (“Cauby – Uma Paixão”), Maneco Quinderé (“Visitando o Sr. Green”) e Tomás Ribas e Elisa Tandeta (“Alta Sociedade”).

Revelação: Daniel Tonsig, ator, por “O Segredo de Brokeback Mountain”; Julia Maez, pelo canto na trilha sonora ao vivo de “O Segredo de Brokeback Mountain”; e Natália Beukers, pela idealização e produção de “Sete Minutos – Uma Comédia no Tempo Certo”.

Categoria Especial: aos artistas angrenses, pela força da realização coletiva e diversidade de talentos nas peças “A Lenda”, “Maluco Beleza” e “Funk Brasil – No Ritmo do Amor”; ao elenco de “O Formigueiro”, pela potência e entrosamento em cena dos atores Diego de Abreu, Lucas Drummond e Rodrigo Fagundes e da atriz Roberta Brisson; e ao elenco de “Gonzaguinha É”, pela versatilidade e harmonia no jogo cênico e musical.

Melhor Espetáculo / Júri Popular: “A Vida Passou por Aqui”, “Gonzaguinha É” e “Mande Notícias do Mundo de Lá”.

A lista reúne nomes consagrados de diferentes gerações da cena brasileira. Na disputa de Melhor Ator estão Diogo Vilela, por “Cauby – Uma Paixão”; Édio Nunes, por “A Vida Passou por Aqui”; Elias Andreato, por “Visitando o Sr. Green”; Orã Figueiredo, por “Alta Sociedade”; e Rodrigo Fagundes, por “O Formigueiro”. Na categoria feminina, concorrem Cláudia Mauro, Debora Lamm, Flávia Santana, Julia Lemmertz e Soraya Ravenle. Na direção, os indicados são Alexandre Reinecke, Alice Borges, Emilio de Mello, Guilherme Piva e Thiago Marinho — este último indicado também na dramaturgia, por “O Formigueiro”.

Os cinco espetáculos mais indicados disputam o prêmio principal de Melhor Espetáculo: “Alta Sociedade”, “O Formigueiro”, “Gonzaguinha É”, “A Vida Passou por Aqui” e “Visitando o Sr. Green”. Foi justamente “Gonzaguinha É” que abriu a programação da 18ª FITA, no dia 7 de outubro, em sessão dupla na tenda de Angra.

O público também decide. Na categoria de Júri Popular concorrem “A Vida Passou por Aqui”, “Gonzaguinha É” e “Mande Notícias do Mundo de Lá”, este último protagonizado pela própria Arlete Salles. A Categoria Especial, por sua vez, reconhece os artistas angrenses pela força da realização coletiva nas peças “A Lenda”, “Maluco Beleza” e “Funk Brasil – No Ritmo do Amor”, além dos elencos de “O Formigueiro” e de “Gonzaguinha É”, pela potência e versatilidade em cena.





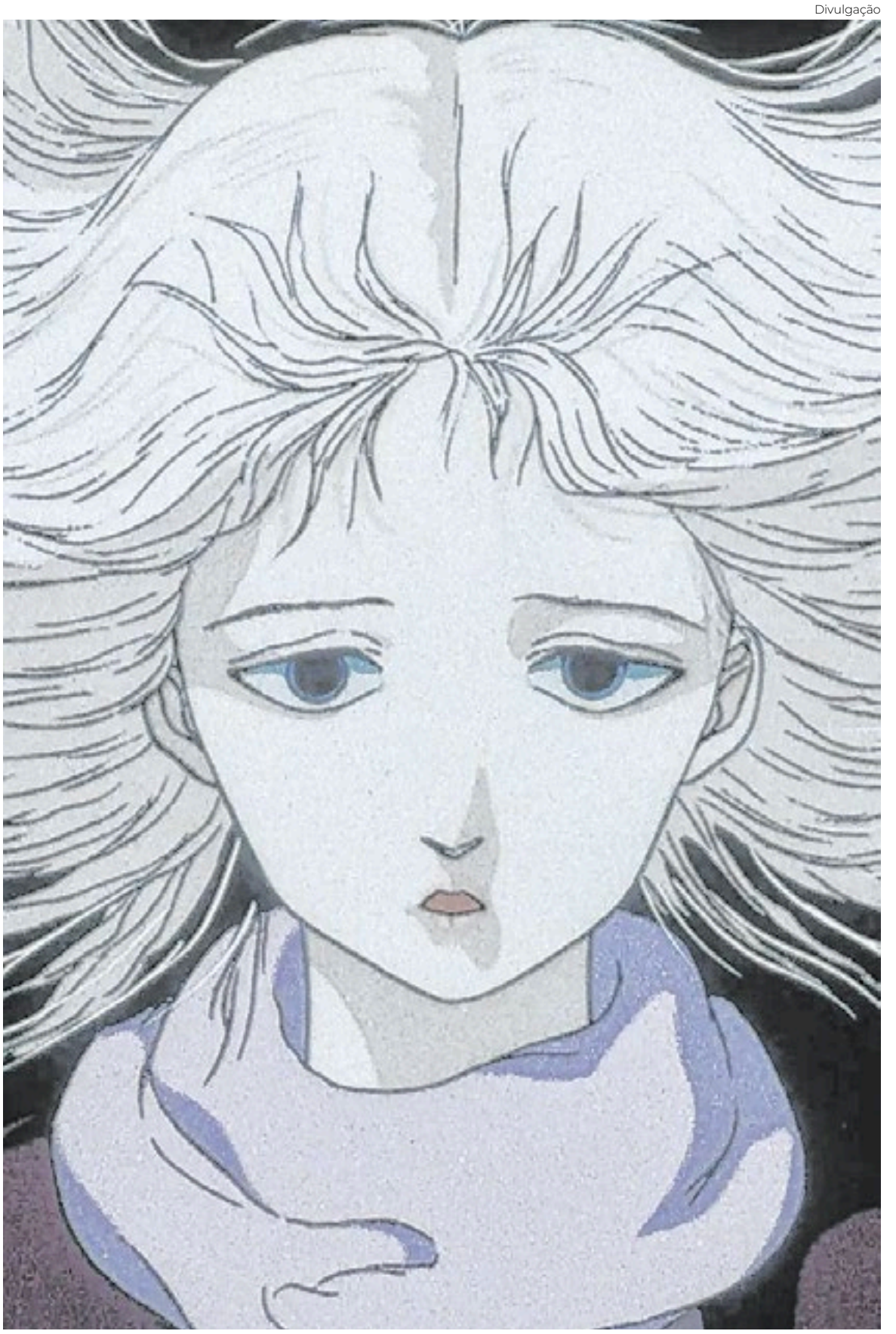
Exposição de Yoshitaka Amano se despede com personagens de Final Fantasy

Angel's Egg

CCBB Brasília encerra mostra de Yoshitaka Amano com encontros com cosplayers

REYNALDO RODRIGUES

Divulgação



A exposição Yoshitaka Amano – Além da Fantasia entra na reta final no Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (CCBB Brasília), com atividades especiais nos últimos dias. Em 31 de outubro e 1º de novembro, o público poderá encontrar cosplayers de personagens da franquia Final Fantasy nas galerias. No feriado de 2 de novembro, o cinema do centro cultural exibe gratuitamente Angel's Egg (1985), animação dirigida por Mamoru Oshii com concepção artística de Amano.

No sábado e domingo, das 14h às 19h, Rach Asakawa e Rayara Eckhardt estarão caracterizadas como Fang e Lightning, respectivamente. Os visitantes poderão interagir e fotografar as personagens durante o percurso da mostra, que reúne trabalhos de diferentes fases da carreira do artista japonês.

A programação termina no dia 2, às 16h, com a exibição de Angel's Egg. O filme acompanha uma menina que percorre uma cidade desolada enquanto protege um grande ovo. Com poucos diálogos e imagens simbólicas, a animação apresenta uma narrativa de atmosfera surrealista. Os ingressos são gratuitos.

Diferentes fases

O público tem até 1º de novembro para visitar a exposição, que reúne 218 obras originais vindas do Japão e uma instalação imersiva. Com curadoria de Antonio Curti e patrocínio da BB Asset, a mostra percorre mais de cinco décadas da produção de Amano, incluindo trabalhos ligados à animação, aos quadrinhos, aos videogames, à literatura e às artes visuais.

Nascido em 1952, na província japonesa de Shizuoka, o artista iniciou a carreira na adolescência, na Tatsunoko Production, estúdio de animação japonês. Sua trajetória inclui a criação de referências visuais para Final Fantasy e trabalhos como Vampire Hunter D e Angel's Egg. Seu estilo combina linhas delicadas, figuras fantásticas e referências da arte japonesa.

A exposição está organizada em sete núcleos: Tatsunoko, Final Fantasy, Candy Girl, Devaloka, Vampire Hunter D, Angel's Egg e Colaborações. O percurso termina no Pavilhão de Vidro, com uma instalação inspirada na série Devaloka.

EXPOSIÇÃO

Yoshitaka Amano

- Cosplayers Rach Asakawa e Rayara Eckhardt
- Dias 31 de outubro e 1º de novembro, sábado e domingo, das 14h às 19h
- Exibição de Angel's Egg
- Dia 2 de novembro (segunda-feira), às 16h, no Cinema do CCBB
- Local: Galerias 3, 5 e Pavilhão de Vidro do CCBB.

Na floresta **dos sons**

Divulgação



Jorge Ben Jor

Jorge Ben Jor abre o Rock the Mountain 2026, que recebe Anitta, Ivete Sangalo e Dominguinho em Itaipava

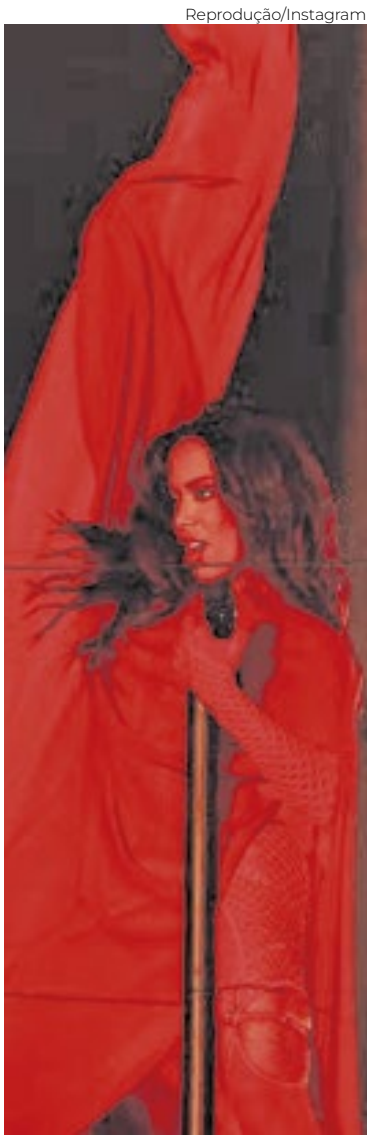
AFFONSO NUNES

O festival mais verde do Brasil está de volta! O Parque Municipal Prefeto Paulo Rattes, em Itaipava, Petrópolis, neste fim de semana e no próximo a 13ª edição do Rock the Moutain com atrações de peso. Jorge Ben Jor, Anitta são os headliners da programção que será espelhada nas duas semanas.

A maratona muiscal serrana começa nesta sexta-feira (30) com Jorge Ben Jor como a grande atração da abertura. O ícone da música brasileira, que já passou pelo festival em 2022, sobe ao Palco Floresta Vivo às 23h30, depois de M.I.A., às 21h30, com seus grandes sucessos — "Mas, Que Nada", "País Tropical", "Taj Mahal" e "Fio Maravilha", entre outros. No sábado, Anitta volta ao evento com o aguardado show "Equilibrium Tour, às 20h, após Falamansa, às 18h.

No domingo, 1º de novembro, Ivete Sangalo estreia no festival, às 22h10, no palco onde antes se apresentam Dora Morelenbaum, 13h30, Paulinho da Viola, 15h30, e Jorja Smith, 17h30 — a britânica, revelação do R&B atual que cancelou sua passagem pela edição 2025.

Reprodução/Instagram



Anitta

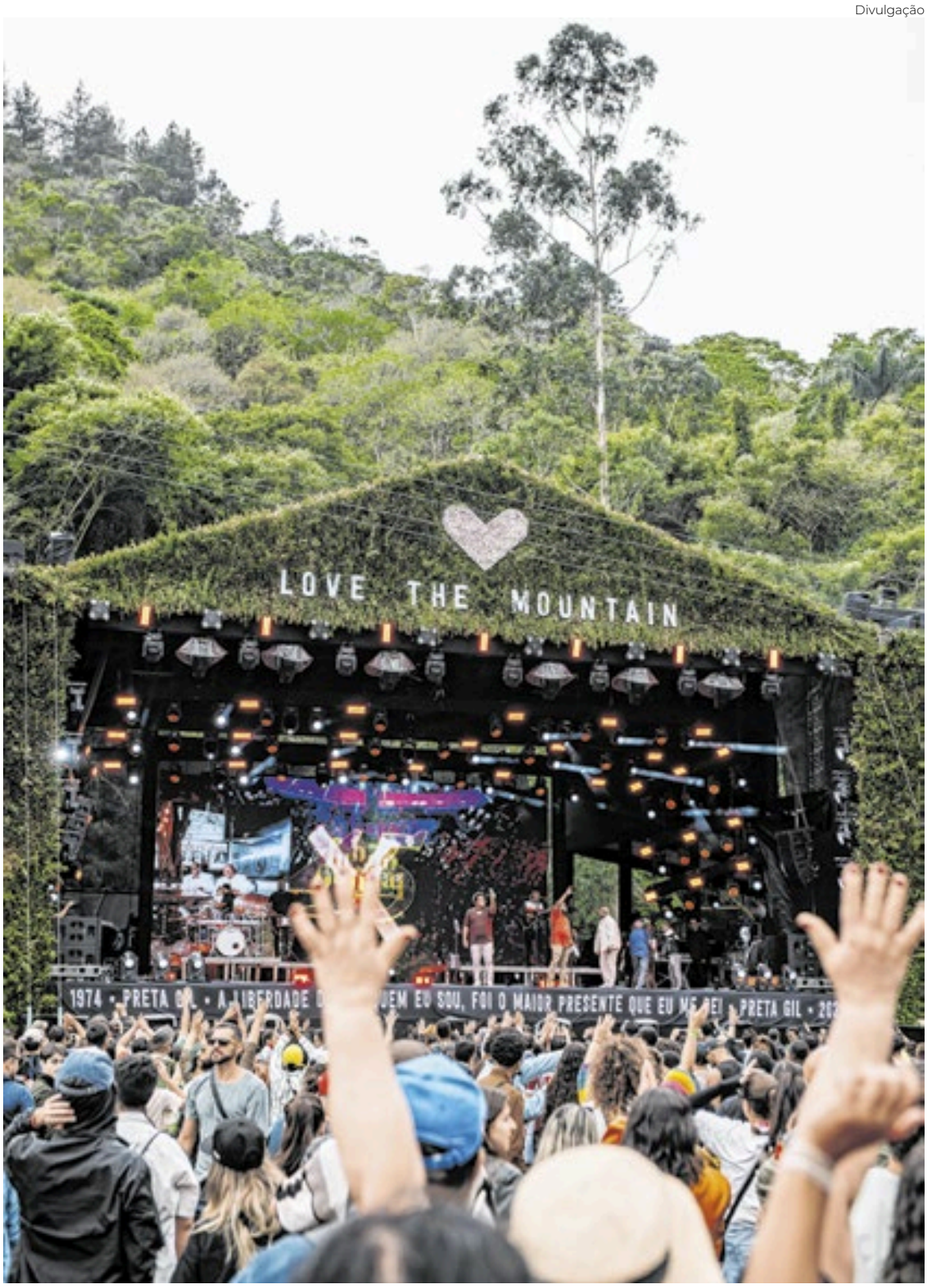
Além de Paulinho, sobem aos palcos Leci Brandão, que celebra cinco décadas de trajetória com indicação ao Grammy Latino 2026, e o projeto Dominguinho, vencedor do Grammy Latino, formado por João Gomes, Jota.pê e Mestrinho — o fenômeno do piseiro retorna ao festival, onde esteve em 2025 com show solo.

O Palco Estrela recebe no fim de semana de estreia Gaby Amarantos, às 20h30 de sexta, Barão Vermelho, às 17h de sábado, e Marcos Valle, às 14h30 de domingo. No Palco Aurora Heineken, destaque para Dexter convida L7 e Djonga, às 22h30 de sexta, Julia Mestre, às 22h40 de sábado, e Urias, às 20h15 de domingo.

Entre os nomes do line-up, uma estreia carrega o peso de seis décadas: Claudya, aos 78 anos, se apresenta nos dias 31 de outubro e 7 de novembro com o espetáculo "Deixa Eu Dizer", nome do álbum ao vivo lançado em setembro. "Chegar aos 60 anos de carreira e perceber esse reencontro com o público e com a imprensa é uma confirmação de que ainda temos muita história para contar", afirma a cantora.

Fora dos três palcos principais — Floresta, Estrela e Aurora —, o Coreto é o refúgio da música independente, com 18 atrações, entre elas oito artistas de Petrópolis e Luiz Barata, vencedor do concurso Trampolim, eleito entre 167 inscrições de bandas independentes do estado. Entre as novidades fora da música, o festival recebe a primeira escultura monumental do dinamarquês Thomas Dambo na América Latina, um troll de mais de cinco metros erguido na entrada do evento. "A música brasileira continua sendo um dos nossos pilares, com artistas de diferentes gerações, gêneros e regiões, mas também gostamos de abrir espaço para nomes de outros países e criar encontros que talvez não acontecessem em outros lugares", diz Ricardo Brautigam, o Cadinho, sócio-criador do festival.

Divulgação



As edições do Rock The Mountain são realizadas no Parque Prefeito Paulo Rattes

Rafael Catarcione | ZIMEL



Paulinho da Viola

Fotos: Rafa Mattei



Ivete Sangalo

SERVIÇO

ROCK THE MOUNTAIN

Parque Municipal Prefeito Paulo Rattes, Itaipava

De 30/10 a 8/11, de sexta a domingo

Consulte a programação em www.rockthemountain.com.br e @rockthemountain

Ingressos no Sympla (primeiro fim de semana esgotado)

No pôr do sol com Letrux

Cantora e compositora apresenta show intimista com violão e piano no jardim da Casa Museu Eva Klabin neste sábado

Letrux chega ao jardim da Casa Museu Eva Klabin neste sábado (31), às 17h, para uma nova edição do projeto Pôr do Sol, com curadoria de Rodrigo Andrade. Acompanhada apenas de violão e piano, a cantora e compositora percorre em ordem cronológica mais de 15 anos de carreira, entrelaçando composições autorais e canções de outros artistas que marcaram sua formação musical.

Indicada ao Grammy Latino e autora de quatro álbuns solo, Letrux — nome artístico de Letícia Novaes — ganhou projeção nacional e internacional em 2017, com "Letrux em Noite de Climão". Vieram depois "Letrux aos Prantos", que lhe rendeu a indicação ao Grammy Latino em 2020; "Letrux como Mulher Girafa" e "SadSexySillySongs". A formação reduzida não diminui a força expressiva de quem transita entre o pop, o rock e a poesia, com letras confessionais e performances intensas.

O Pôr do Sol integra a programação regular da instituição e já recebeu nomes como Alice Caymmi, Ana Frango Elétrico, Anelis Assumpção, Mahmundi e Majur. O projeto tem como eixos a diversidade da música brasileira contemporânea e a valorização de novas gerações de artistas.



Bruna Latini/Divulgação

Letrux celebra 20 anos de carreira com uma celebração a suas influências artísticas no período

SERVIÇO
PÔR DO SOL COM LETRUX
Casa Museu Eva Klabin (Praça Benedito Cerqueira, Lagoa)
31/10, às 17h
Ingressos: R$ 80 e R$ 40 (meia)

Frango Elétrico de bolso

Cantora e compositora estreia show em formato pocket nesta sexta e sábado na Caixa Cultural

A Caixa Cultural Rio recebe nesta sexta e sábado (30 e 31) a estreia carioca de "Ana Frango Elétrico de Bolso". Em formato intimista, o espetáculo reúne a compositora, poeta, artista visual e produtora musical Ana Frango Elétrico e o multi-instrumentista Vovô Bebê — nome artístico de Pedro Dias Carneiro no Teatro Nelson Rodrigues. A sessão de sábado tem interpretação em Libras e bate-papo com a artista.

A parceria dos dois vem de longe: começou em 2018, com "Mormaço Queima", álbum de estreia de Ana, lançado pelo selo Risco. No palco, ela constrói camadas com voz, guitarra e sampler, em diálogo com o contrabaixo elétrico de Vovô Bebê. O setlist percorre a discografia da artista e inclui versões e faixas inéditas. "Acho que é um lugar mais intimista, como se o público estivesse em minha casa comendo de minha comida", explica Ana.

O show circula desde 2023 por diversas capitais e chega ao Rio em momento de projeção internacional da artista. Em agosto, Ana voltou de sua segunda turnê europeia, com passagem pelo Sziget Festival, na Hungria. Vencedora do Grammy Latino de 2022 como coprodutora de "Sim Sim Sim", único disco do grupo Bala Desejo, ela foi indicada ao Prêmio Pipa em 2021 e assina a direção musical e os arranjos da turnê "Que mulher é essa?!", de Simone, ao lado do estilista Ronaldo Fraga. Está confirmada também no Primavera Sound São Paulo e no Coala Festival, neste último ao lado de Marcos Valle. **(A. N.)**

Hick Duarte/Divulgação



Ana Frango Elétrico promete entregar intimidade ao públco

SERVIÇO
ANA FRANGO ELÉTRICO DE BOLSO
Caixa Cultural RJ - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230, Centro)
30 e 31/10, às 19h
Ingressos: plateia - R$ 40 e R$ 20 (meia e clientes Caixa); balcão - R$ 30 e R$ 15 (meia e clientes Caixa)

Divulgação



Plebe Rude

Plebe Rude relança seu álbum clássico no Circo Voador

Fevereiro de 1986: o Brasil despedia-se da ditadura militar e a juventude brasiliense despachava suas angústias em rock. Nesse clima nasceu "O Concreto Já Rachou", disco de estreia da Plebe Rude que ganhou Disco de Ouro na época do lançamento e segue entre os mais cultuados do rock nacional. Nesta sexta (30), às 22, no Circo Voador, Philippe Seabra (guitarra e voz), André X (baixo), Clemente Nascimento (guitarra e voz) e Marcelo Capucci (bateria) tocam o álbum na íntegra e revisitam outros clássicos dos 45 anos de estrada em uma única apresentação.

Quarenta anos depois, a banda relança a obra em edição especial de vinil, pela Universal Music, com capa gatefold, compacto de 7 polegadas com uma nova versão de "Até Quando Esperar", as demos de "Johnny Vai à Guerra (Outra Vez)", "Proteção", "Minha Renda" e "Sexo e Karatê", e um documentário de 90 minutos em que o quarteto revisita faixa por faixa o processo de criação do álbum.

Do disco saiu a trinca que definiu a carreira do grupo — "Proteção", "Até Quando Esperar" e "Minha Renda" —, letras que enfrentavam desigualdade social, repressão e contradições políticas.

Para a nova versão de "Até Quando Esperar", a banda voltou ao estúdio com Herbert Vianna, produtor original do disco, dividindo guitarras e vocais no clipe inédito. "Como compositor e artista, você fica feliz com a relevância da obra. Mas tem um lado, como pai e cidadão, que me deixa meio zangado porque a letra não envelheceu. Das duas, uma: ou a gente era vidente, ou o país não mudou nada", avalia Seabra.**(A. N.)**

SERVIÇO
PLEBE RUDE
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
30/10, às 22h
Ingressos: R$ 160 e R$ 80 (meia)

Uma ode ao gênio **desconhecido** da Bossa Nova

Show 'NewTom', com Zé Renato e Conexão Rio, celebra a obra de Newton Mendonça, o esquecido parceiro de Tom Jobim na origem do movimento

AFFONSO NUNES

Com seu timbre único e o gosto por repertório requintados, Zé Renato sobe ao palco do Manouche nesta sexta-feira (30), às 21h, para uma única apresentação de "NewTom — uma visita ao repertório de Newton Mendonça e Tom Jobim", ao lado da Conexão Rio. No setlist, clássicos como "Meditação", "Samba de uma nota só", "Desafinado" e "Caminhos cruzados", revisitados com olhar contemporâneo e muito balanço.

Newton Mendonça morreu aos 33 anos e ficou, para o grande público, como o "gênio invisível" da bossa nova. Foi parceiro de Tom Jobim em canções que deram ao gênero sua cara definitiva. É esse repertório que Zé Renato mergulha com a mesma leveza com que trafega por vários gêneros da MPB — e em ano de celebração: o cantor completa 50 anos de carreira, com sucesso tanto solo quanto ao lado de Claudio Nucci, parceiro desde o início da trajetória, e junto ao Grupo Boca Livre, com o qual ganhou um Grammy Awards em 2023.

Divulgação



Com a categoria de sempre, Zé Renato interpreta sucessos da dupla com os músicos do Conexão Rio

A história com a Conexão Rio vem de longe. Aos 15 anos, Zé Renato já se apresentava com dois dos integrantes do grupo, André Cechinel e Fernando Barroso, no conjunto "Agora", em festivais estudantis e universitários ao lado de Luca Raposo e Claudio Infante. A banda, com 25 anos de estrada e dois álbuns lançados, circula pelos palcos cariocas desde o extinto Mistura Fina até o Manouche e a Blue Note, sozinha ou ao lado de nomes como Celso Fonseca, Raul Mascarenhas, Vinícius Cantuária, Henrique Portugal, Verônica Sabino e Marcelo Serrado. Completam a formação Fernando Clark (guitarra) e Zé Mario (bateria), com Cechinel no piano e Barroso no baixo.

SERVIÇO

ZÉ RENATO E CONEXÃO RIO
Manouche (Rua Jardim Botânico, 883)
30/10, às 21h
Ingressos: R$ 130 e R$ 65 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Uma viagem dançante pelo funk carioca

Divulgação



Buchecha e MC Koringa estreiam o projeto O Baile É Nosso neste sábado (31), às 21h30, no Qualistage. O encontro celebra a história e a evolução do funk carioca, com repertório que inclui clássicos como Nosso Sonho e Dança Sensual. A noite reúne ainda convidados como MC Sinistro, Mano Teko, Danda MC e MC Serginho, entre outros nomes do gênero. Ingressos a partir de R$ 150 e R$ 75 (meia).

Maneva fecha turnê de 20 anos no Circo

Divulgação



O grupo Maneva encerra a turnê "20 Anos, Origem" neste sábado (31), às 22h, no Circo Voador. O show marca a reta final das comemorações dos 20 anos de carreira da banda paulista de reggae, formada por Polli, Felipe Sousa, Fernando Gato, Diego Andrade e Fabinho Araújo. A noite também apresenta o projeto Treme Terra, com Rottweiler e Lauro Farias. Ingressos esgotados.

Quatro décadas pela estrada do blues

Divulgação



O Blues Etílicos celebra 40 anos de carreira no Teatro Rival Petrobras neste sábado (31), às 19h30. A formação reúne os fundadores Flávio Guimarães (vocal e gaita) e Otavio Rocha (guitarra), além de Beto Werther (bateria) e Cesar Lago (baixo). No repertório, a discografia do grupo e canções recentes. A cantora e guitarrista Nanda Moura abre o show e participa da homenagem a Greg Wilson. Entre R$ 50 e R$ 170.

MPB com tempero instrumental

Divulgação



O quarteto instrumental Brass Cubas se apresenta no Musicorum, em Botafogo, nesta sexta (30), às 19h. O grupo carioca conecta o jazz à música brasileira, com foco em improvisação, arranjos autorais e sonoridade contemporânea. A formação reúne Emerson Costa (sax e flauta), Marcos Melo (guitarra, violão e bandolim), Mário Coutinho (baixo) e Fábio Cezanne (bateria e percussão). R$ 25

SEXTOU! UM DF DE C

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

TEATRO

"Linhas Cruzadas"

✱A comédia romântica "Linhas Cruzadas" integra a Mostra Teatral de Brasília, com apresentações nos dias 30 e 31 de outubro, às 20h, no Teatro Brasília Shopping. Com direção de Beatriz Macedo, que também atua ao lado de Gabriel Cardoso e Letycia Amorim, a peça adapta textos de Luis Fernando Verissimo. A trama acompanha Luiz Eduardo e Maria Helena, que se conhecem após uma interferência nas linhas telefônicas. O encontro dá início a uma relação marcada por coincidências, diferenças e situações de humor.

Espetáculo "A Chorona"

✱O espetáculo "A Chorona", do Coletivo ARAR, estreia em 31 de outubro, às 20h, no Teatro dos Ventos, em Águas Claras. A montagem acompanha Maria Agonia, última herdeira de uma linhagem de carpideiras que perde a capacidade de chorar e busca recuperar as lágrimas. Com direção e dramaturgia de Vinícius Ávlis e atuação de Irina Buss, a peça aborda a tradição popular, a violência contra a mulher e o feminicídio. A entrada é gratuita. No domingo (1º), às 17h, haverá sessão com audiodescrição e Libras.

'Turma D'

✱O espetáculo infantil "Differentia", do Coletivo CeinCena, volta aos palcos do DF em novembro, com entrada gratuita. As sessões serão realizadas em 4 de novembro, às 9h30 e às 15h, no Teatro Sesc Newton Rossi, em Ceilândia, e em 11 de novembro, nos mesmos horários, no Teatro Sesc Paulo Gracindo, no Gama. Inspirada na obra de Mara Paiva, a peça acompanha Humi em uma jornada de descobertas sobre identidade, respeito às diferenças e valorização do coletivo. Ao fim das apresentações, haverá bate-papo com o elenco e a direção.

Festival Despertacular

✱O Festival Despertacular realiza sua 4ª edição de 29 de outubro a 1º de novembro, no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, em Brasília. Com entrada gratuita e programação das 8h às 22h, o evento reúne teatro, cinema, dança, performances, música, exposições e oficinas voltadas à arte e à cultura surda. Idealizado pelos artistas e pesquisadores surdos Renata Rezende e Lucas Sacramento, o festival tem apoio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

Divulgação



"Linhas Cruzadas", adaptado de textos de Luis Fernando Verissimo

Divulgação



O espetáculo "Differentia", volta aos palcos do DF

Divulgação



4ª edição do Festival Despertacular

PROJETO

Projeto"Ritmos Valorizados"

✱O projeto Ritmos Valorizados promove apresentações gratuitas de cultura popular no Distrito Federal, de 29 de outubro a dezembro de 2026. Realizado pelo Instituto Sociocultural e Esportivo Estrela de Fogo, em parceria com a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF, o circuito terá 21 datas em feiras, praças, centros culturais e escolas públicas. A programação reúne samba, bumba meu boi, tambor de crioula, música regional e discotecagem, com intérpretes de Libras e atividades voltadas à valorização das culturas afro-brasileiras.

Projeto nas praças

✱O projeto Arte na Praça realiza sua 9ª edição neste sábado (31), a partir das 19h, na Praça das Artes Teodoro Freire, em Sobradinho, com entrada gratuita. A programação reúne o cantor Dom Macários, a dançarina Karol Thayná, o músico Iago dos Santos e seu quarteto, além do Boi de Seu Teodoro, que se apresenta às 21h30 com manifestações da cultura maranhense. O evento também terá praça de alimentação, artesanato, parque infantil e brechós. A iniciativa é promovida pela Associação ARTISE, com apoio da Secretaria de Cultura do DF.

Monstrinhas no shopping

✱O Boulevard Shopping Brasília realiza no sábado (31), das 13h às 18h, o Halloween Booo-levard, com entrada gratuita. A programação inclui oficinas de slime e fantoches, pintura temática, pipoca, musical e Caça aos Doces. A atividade terá 400 vagas para crianças de 3 a 12 anos, mediante ingresso gratuito pelo Sympla e doação de 1 kg de alimento não perecível. O musical Escola das Monstrinhas será apresentado às 16h, na praça de alimentação.

Tradição afro-indígena

✱O espetáculo "O Bê a Bá do Berimbau", do grupo Bando Matilha Capoeira, circula por 8 regiões administrativas do DF entre 28 de outubro e 27 de novembro, com 16 apresentações gratuitas em escolas públicas. A

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Clube das Crocheteiras transforma momentos de cuidado

Divulgação



1º Festival da Passarinha ocupa o Parque da Cidade

Divulgação



Projeto"Ritmos Valorizados"

Divulgação



Projeto artístico-cultural Arte na Praça

Diane Gomes



O Bê a Bá do Berimbau leva tradição afro-indígena

montagem aborda a história e a identidade afro-indígena por meio da capoeira, com manifestações como maculelê, puxada de rede, dança do bastão e roda de capoeira. O projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF e busca aproximar estudantes dos saberes ancestrais e da cultura popular brasileira.

CINEMA

"Carrie, a Estranha"

✱O clássico "Carrie, a Estranha", dirigido por Brian De Palma e baseado na obra de Stephen King, será exibido em 31 de outubro, às 18h30, no Cine Brasília, durante a Sessão Clássicos de Halloween. Lançado em 1976, o terror acompanha Carrie White, adolescente vítima de humilhações na escola e submetida ao controle da mãe religiosa. Após ser alvo de uma brincadeira cruel no baile de formatura, ela usa seus poderes telecinéticos.

FESTIVAL

1º Festival da Passarinha

✱O 1º Festival da Passarinha será realizado em 1º de novembro, a partir das 16h, no Estacionamento 10 do Parque da Cidade, em Brasília, com entrada gratuita. Organizado pelo coletivo Samba da Passarinha, o evento terá shows de Majur, Ellen Oléria, Larissa Umaytá, GG Tentação e outras artistas. A programação inclui roda de samba com revezamento de cantoras e instrumentistas, DJs mulheres, fanfarra, performances e oficina. O festival é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF.

FESTA

Día de los Muertos

✱O Galpão 17 realiza festas de Halloween e Día de los Muertos nos dias 30 e 31 de outubro, a partir das 20h, em Brasília. A programação inclui shows das bandas Bom Scotch e Sol Leles, discotecagem de Wendel Sousa e concurso de fantasias na primeira noite. No dia seguinte, haverá tributo aos Ramones com o grupo I Wanna Live e apresentação da banda Heat, com repertório de punk rock. Os ingressos custam a partir de R$ 20.

EXPOSIÇÃO

Clube das Crocheteiras

✱Pacientes do Centro Estadual de Atenção Prolongada e Casa de Apoio Condomínio Solidariedade (CEAP-SOL), em Goiânia, participam da oficina de artesanato "Mãos que Criam", realizada semanalmente desde junho. Cerca de 20 pessoas aprendem crochê e produzem peças sob orientação voluntária. Os trabalhos serão apresentados em uma exposição prevista para dezembro. Os encontros ocorrem às quartas-feiras, às 9h30, na sala terapêutica da unidade.

MÚSICA

Bee Gees

✱A banda argentina Geminis apresenta "Uma Noite com os Bee Gees" em 19 de novembro, às 21h, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília. O espetáculo reúne sucessos do trio britânico em versão sinfônica, com orquestra regida pelo maestro Dhouglas Umabel. Criada em 1999, a Geminis já se apresentou em 12 países. Os ingressos estão à venda pela BlueTicket.

Divulgação



'100 dias' narra a saga do navegador Amyr Klink e sua corajosa e revolucionária travessia do Atlântico Sul, em 1984; Um feito que ninguém havia conseguido antes

Nova produção Disney Brasil, '100 Dias' traz Filipe Bragança na pele do navegador Amyr Klink, que atravessou o Atlântico Sul em um barco a remo

Da vida para as telas

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Amyr Klink (Filipe Bragança) teve na mãe, Asa (Philippine Leroy-Beaulieu), sua mais importante parceira no projeto de travessia

PEDRO SOBREIRO

O Brasil tem muitos heróis anônimos. Pessoas normais com feitos extraordinários que, seja por falta de divulgação, seja pela incômoda e persistente síndrome de vira-latas, parecem não obter o merecido reconhecimento. Com direção do consagrado Carlos Saldanha, o longa "100 Dias" chega aos cinemas para contar a história de Amyr Klink, o navegador amador que atendeu ao chamado da aventura e se lançou mar adentro, tornando-se o primeiro ser humano a atravessar o Atlântico Sul em um barco a remo, partindo da Namíbia, na África, até a Bahia.

A aventura de Amyr é de 1984. Desde então, o navegador entrou de corpo e alma neste universo, sendo tratado como referência de navegação mundo afora. Seu livro, "Cem Dias entre o Céu e o Mar", tornou-se best-seller e serviu como inspiração para o roteiro de Elena Soárez e Thais Tavares, que deram foco aos dilemas pessoais e familiares de Amyr Klink, além dos desafios físicos e logísticos que assombraram e motivaram o navegador durante os 100 dias em alto-mar.

A convite da Disney Brasil, o Correio da Manhã conversou com o diretor do filme, Carlos Saldanha, e com integrantes do elenco, como Filipe Bragança, que interpreta Amyr; Felipe Camargo, que deu vida ao pai de Amyr, Jamil; e a estrela internacional Philippine Leroy-Beaulieu, que interpretou, em português, a mãe do protagonista, Asa Frieberg Klink.

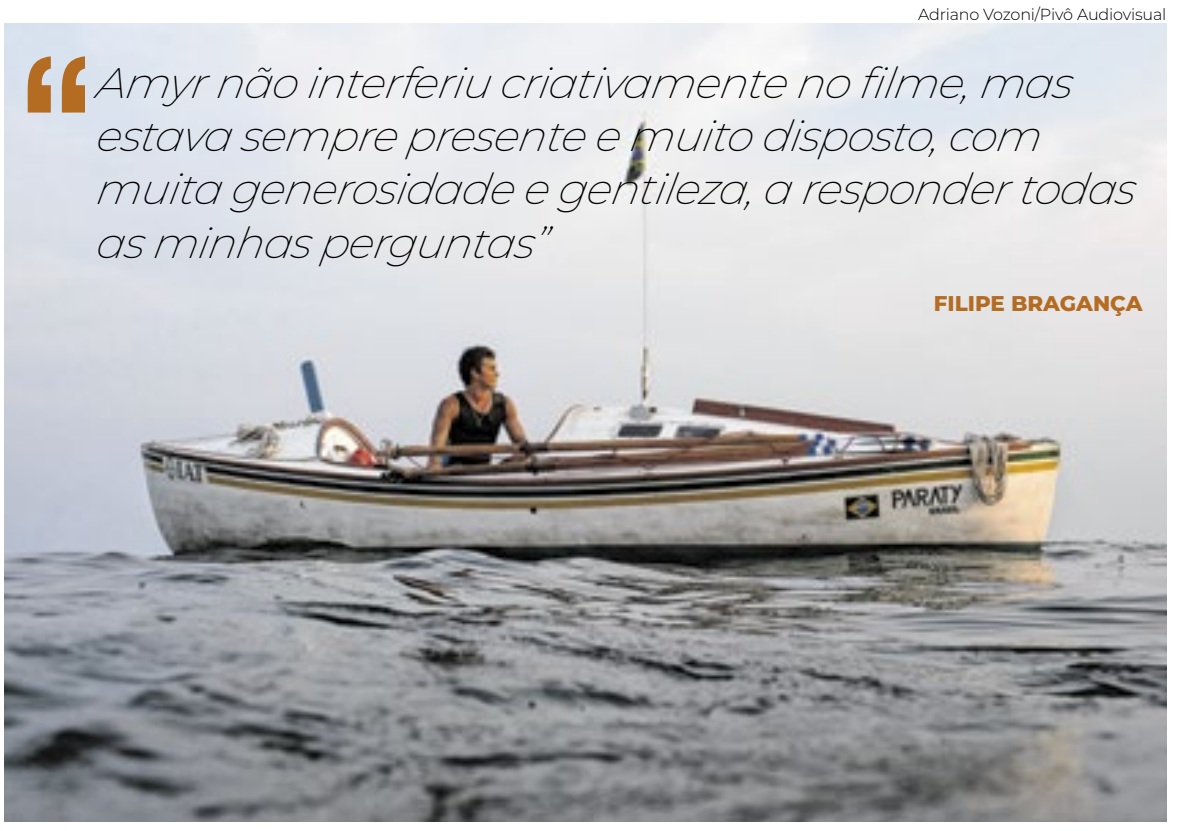
Para Saldanha, criador e diretor de projetos que exaltam e propagam a cultura brasileira mundo afora - a animação "Rio" (2011) e a série "How to Be a Carioca" (2023) - a ideia de "100 Dias" era realmente contar essa história fantástica de um grande feito nacional. Para ele, se o cinema americano pode faz isso com frequência, por que o cinema

brasileiro deve fechar os olhos para grandes personagens da vida real?

"Este filme me desperta o lado emocional de poder trazer para as telas a garra de um brasileiro que realizou um feito único há muito tempo. Consumimos muito do que vem de fora, dos filmes de outros países, mas não olhamos para dentro", argumenta o realizador. "Moro há 35 anos fora do Brasil e, quando fiz 'Rio' e outros filmes, sempre tive vontade de mostrar que existem histórias interessantes vindas do Brasil, sem perder nossa identidade: histórias universais com temáticas brasileiras, daquelas que você não precisa ser brasileiro para se identificar. Acho que esta é uma delas", destaca.

Saldanha também abriu o coração sobre a maneira como o filme dialogou com ele em nível pessoal. "A parte com que mais me identifico nesta história são as travessias, as travessias de vida. As decisões que você toma puxam você para um extremo que, às vezes, você não estava esperando. Fiz a minha travessia para Nova York quando decidi estudar cinema e animação, e é uma travessia difícil: você passa por vários obstáculos ao longo do caminho. Fazer este projeto também foi uma travessia em si: demorou 3 mil dias para ser concluído. Mas acho que faz parte do nosso processo de vida, do crescimento, buscar sempre novas travessias, como Amyr fez", afirmou.

Adriano Vozoni/Pivô Audiovisual



Filipe Bragança precisou dominar técnicas de remo em mar aberto para representar o navegador

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Carlos Saldanha e a réplica do Paraty no set de filmagens: interesse em destacar personagens brasileiros e suas histórias

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Tarimbado em animações como 'A Era do Gelo e 'Rio', Carlos Saldanha utilizou os storyboards para chegar aos melhores enquadramentos de câmera

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Bastidores de cena filmada em estúdio, reproduzindo as condições adversas do mar bravio

100 dias sozinho no mar

Um dos grandes desafios do filme, que se passa 90% no mar, com Amyr tendo de lidar com as dificuldades do oceano, foi contar essa história de forma que a trama não ficasse repetitiva e enfadonha. Para Saldanha, o grande mérito está no roteiro, que foi trabalhado por anos. "Quando planejamos o roteiro, trabalhamos muito. Foram dois anos fazendo esse roteiro, com a missão de criar o arco emocional da história do personagem dentro do contexto da própria viagem. Cada cena foi pensada assim. Não é só uma cena de baleia: é uma cena de baleia que tem um aprendizado. Não é só a cena do tubarão. Os ensinamentos, os aprendizados emocionais de cada momento que ele passa estão lá", explica.

O ator Filipe Bragança, que deu vida a Amyr Klink, exaltou a decupagem do filme como recurso para evitar as repetições na trama. "Foi um processo bem minucioso. Grande parte das rubricas do roteiro era 'Amyr rema': 'Amyr rema cansado', 'Amyr rema alegre', 'Amyr rema virtuoso', 'Amyr rema, rema, rema'. Poderia ser um filme bastante repetitivo, e eu não acho que seja, sendo muito sincero. Às vezes, a repetição em um filme ou em qualquer outra obra pode ser uma virtude, mas, neste caso, não ficou enfadonho", conta. "Entendi exatamente qual era a travessia interior do personagem e consegui defini-la a partir de cada um dos momentos pessoais dele, com muita delicadeza, dando a cada um o seu universo particular", pontua ao ator.

Bragança teve, ainda, a oportunidade de conhecer o próprio Amyr Klink. Para ele, essas interações ajudaram a entender melhor quem era o personagem e permitiram que ele fizesse a melhor interpretação possível, sem parecer uma imitação. "A relação foi excelente. Amyr não interferiu criativamente no filme, mas estava sempre presente e muito disposto, com muita generosidade e gentileza, a responder todas as minhas perguntas e tirar todas as minhas dúvidas. Tivemos, desde o início, uma relação de troca muito proveitosa para mim, porque ele era a referência que eu tinha para interpretar o personagem", diz. "Meu trabalho não é uma imitação de Amyr, mas sim uma interpretação desse personagem neste roteiro específico. Precisei observá-lo muito para entender como ele falava, como era o sotaque, como se comportava. Ele tem um tom de voz e um sotaque, e foi muito importante tê-lo ali, inclusive para me ensinar algumas coisas: como fazia os cálculos, como entendia onde estava na carta náutica, como funcionava o sextante. Tudo isso contribuiu muito para a minha performance. Foi uma pesquisa muito complexa", comemora Bragança.

De Paris a Paraty

Estrela do fenômeno mundial do streaming "Emily em Paris", a atriz francesa Philippine Leroy-Beaulieu rouba a cena no filme atuando em português, em um trabalho impecável, para dar vida à mãe de Amyr, Asa Klink. O desempenho foi tão impressionante que chegou a emocionar o navegador, que disse ter revisto, em cena, a própria família. "Me emociona muito saber que ele (Amyr) gostou, porque eu sentia muita responsabilidade. Teve um dia em que ele veio visitar o set, e eu estava lá, mas não quis encontrá-lo, porque tinha um pouco de medo da reação que ele poderia ter. É muito sensível interpretar uma mãe, principalmente uma mãe que tinha esse papel especial na vida dele. É um papel bonito. Retrata uma mãe com um amor muito generoso, altruísta, profundo", defende.

No filme, Asa é retratada como um farol na viagem de Amyr, que mantém a comunicação via rádio com a matriarca, que acompanha sua jornada diretamente de Paraty. Para Philippine, esse papel foi interessante porque deu a ela a chance de interpretar uma mãe que reconheceu e respeitou o objetivo de um filho, mesmo sabendo dos riscos que envolviam essa viagem.

"Acho que a mãe é um farol para Amyr, sim, mas também é ela que diz para ele: 'Vai se encontrar, meu filho! Você não vai ficar aqui, na sombra do pai, a quem eu amo, mas que tem tantos problemas. Você tem que ir'. E ela sabe disso, mesmo tendo muito medo. Claro que é difícil para ela, mas gostei muito dessa mãe. Ela me ensinou muito também", afirma.

Já Felipe Camargo, no papel do pai de Amyr, tem uma função narrativa interessante. Ele é retratado como um antagonista, mas, conforme a trama avança, é possível ver que Amyr tem muitas semelhanças com o patriarca. Para o ator, seu trabalho fala de um amor mal traduzido pelas relações humanas. "Conversamos muito sobre o amor, um amor louco, até mágico, e mal traduzido. Acho que tudo o que Jamil queria era ajoelhar aos pés do filho e falar: 'Não faça isso, não vá!'. E ele brigava, enfraquecia o filho dizendo que não ia conseguir, que ele não sabia nadar. Só que teve um efeito inverso, porque, quando um cara quer muito uma coisa, quanto mais alguém diz para não fazer, mais isso o fortalece. Ele é uma pessoa inteligente e, ao fazer algo com muita determinação, se prepara muito para a viagem. Quanto mais ele ouvia isso do pai, mais sabia que ia conseguir. Eram esses dois motores diferentes que estavam ali o tempo todo com ele: um anjo, quase uma Ave Maria, na figura da mãe acolhedora, e o pai, naquela coisa de ser durão. Ele se liberta dos dois e vai para a vida", reflete.

Philippine revelou também que as cenas da família, que se passam em Paraty, foram as primeiras a serem gravadas, e que isso foi uma estratégia de Carlos Saldanha para que Bragança pudesse fazer as cenas de estúdio e as de alto-mar tendo em mente a imagem da família e da saudade.

"Começamos com todas as cenas da família. Então, quando Filipe ficou sozinho, teria essa primeira parte da filmagem com a família, porque depois teria essa memória. Ele podia nos carregar com ele para as filmagens no barco. Foi uma escolha muito inteligente do Carlos, que lhe deu a oportunidade de carregar na cabeça e no coração tudo o que tinha vivido com a gente em Paraty. Acho que isso foi muito lindo para ele", diz.

Divulgação



Penélope Cruz é uma das apostas ao prêmio de coadjuvante por 'A Bola Preta'

Claire Folger/Diamond Films



Anthony Impollito impressiona como o jovem Stallone em 'Eu Sou O Rocky'

Primeira chamada para o Oscar 2027

Hits estrangeiros como o drama franco-japonês 'O Sentido da Vida' e o épico espanhol 'A Bola Preta' podem ocupar espaços antes destinados aos EUA, que ataca com ode a Stallone

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



Tao Okamoto e Virginie Efira em 'O Sentido da Vida'

Sucessaço na Mostra de São Paulo, com sessões lotadas de cabo a rabo, "O Sentido da Vida" ("Soudain"), de Ryusuke Hamaguchi, terá sessão no Rio nesta sexta-feira (30), às 18h30, no Festival de Cinema Francês – embora seja parcialmente japonês -, atraindo olhares cariocas para um possível candidato ao Oscar em múltiplas frentes. Está chegando a temporada de premiações que rondam a festa da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood e o nome de Hamaguchi, assim como o de suas estrelas, Virginie Efira e Tao Okamoto, disparam na lista de especulações.

Um título já é dado como concorrente inefável na competição de 2027, que será realizada em 14 de março, no Dolby Theatre, em Los Angeles, mas anuncia seu rol de candidatos em 21 de janeiro: "A Odisseia" ("The Odissey"), Christopher Nolan. Com sua receita de US$ 1,8 bilhão, o diretor de "Oppenheimer" (2023) já é tratado com uma presença inquestionável, assim como duas de suas estrelas, Anne Hathaway e John Leguizamo, apostas quentes para as categorias de coadjuvantes. Há um desenho, contudo, que chama atenção nas previsões já em curso nas redes sociais, em portais especializados como o site Awards Daily: a presença expressiva (como jamais se viu) de artistas não anglo-saxônicos em categorias que antes o Oscar dominava.

O drama existencialista com Efira é um caso. Ela e Tao Okamoto dividiram o prêmio de Melhor Atriz em Cannes quando "O Sentido da Vida" passou lá, firmando-se como um ensaio multicultural sobre solidariedade. Na trama, Marie-Lou Fontaine (Efira), diretora de uma casa de repouso nos arredores de Paris, desafia as convenções ao adotar o método "Humanitude", apesar da resistência de sua equipe. Seu encontro com Mari Morisaki (Tao), uma dramaturga japonesa em estado terminal, muda a sua vida. Juntas, elas fazem da instituição um símbolo de resistência, numa narrativa envolvente do diretor de "Drive My Car", Oscar de Melhor Filme Internacional em 2022, hoje na MUBI.

Naquele ano, Hamaguchi concorreu ainda às estatuetas de Melhor Realização e de Roteiro Adaptado. Estima-se que pode voltar a concorrer, entre os cineastas – ao lado de figuras pop como Olivia Wilde, super badalada por "O Convite" – e entre os roteiristas.

Outro experimento autoral asiático que pode entrar na briga por roteiro, direção e atriz (via Jeon Do-yeon) é "Amor Possível" ("Possible Love"). Programado para estrear na Netflix no dia 6 de novembro, o exercício narrativo mais recente do artesão autoral sul-coreano Lee Chang-dong acompanha as relações entre dois casais que seguem caminhos sociais distintos e precisam lidar com desejos até então ocultos. Mi-ok (Jeon Do-yeon) leva uma vida modesta ao lado do marido desempregado, Ho-seok (Sul Kyung-gu), e do filho pequeno, Cheol. Um funeral, porém, coloca a família no caminho de Ye-ji (Cho Yeo-jeong), documentarista dedicada a registrar a realidade de trabalhadores demitidos, e de seu marido, Sang-woo (Zo In-sung), cuja vida abastada contrasta radicalmente com a deles. Quando Mi-ok aceita participar das filmagens do documentário, aproxima-se de Ye-ji e começa também a sentir uma desconfortável atração pelo indecifrável Sang-woo. Os mundos dos dois casais começam a se misturar, expondo fissuras afetivas.

Atração de abertura do Festival do Rio, o trator espanhol "A Bola Preta" ("La Bola Negra") pode ser o maior rival da safra indie dos EUA e para medalhões dos grandes estúdios estadunidenses na corrida pelas láureas de Hollywood. Este épico queer sobre três homens, em fases distintas da História espanhola, avassalados pela homofobia, venceu o People's Choice Award de Toronto, em setembro. A espetacular atuação de Penélope Cruz pode fazer dela a Melhor Coadjuvante, isso se o colegiado votante da Academia não cismar em indicar Glenn Close também. As duas vivem forças femininas (uma líder de bordel e a outra, uma teórica de Literatura) que abraçam a causa gay, numa viagem histórica que lapida a estética de Los Javis, os diretores Javier Ambrossi e Javier Calvo. Os dois devem ser indicados, aos prêmios de Direção e Roteiro Adaptado. O longa deles tem tudo para concorrer em frentes como Fotografia, Montagem, Som e Direção de Arte.

Uma outra surpresa que se espera da Academia, em 2027, é a presença de um documentário na lista de concorrentes de Melhor Filme: "Tudo Pode Ser Visto" ("You Can See Everything"), documentário de Nathan Fielder e Lance Oppenheim, produzido pela A24. Com uma receita estimada em US$ 50 milhões, o longa, de não ficção, acompanha os últimos dias de liberdade de Elizabeth Holmes, fundadora da empresa Theranos, condenada por fraude após prometer revolucionar os exames clínicos com uma tecnologia capaz de realizar testes a partir de uma única gota de sangue. Estreia aqui em 28 de novembro.

Há de surpreender também a carreira de "Eu Sou O Rocky" ("I Play Rocky), de Peter Farrelly (de "Green Book – O Guia"), centrado no calvário de Sylvester Stallone para tirar do papel a saga do Garanhão da Filadélfia, há 50 anos. Com estreia no Brasil prevista para 19 de novembro, esse drama cinéfilo pode oscarizar Anthony Ippolito por sua atuação como o jovem Sly (apelido do eterno Balboa).

Sobre o nosso representante oficial, "Feito Pipa": o longa de Allan Deberton, sobre um craque de futebol mirim queer às voltas com a demências de sua amada avó, pode ser visto até quarta no Odeon, em duas projeções diárias, às 16h30 e às 19h. Há como encontra-lo ainda em pré-estreias no CineCarioca José Wilker e no UCI New York.

Divulgação



Ménochet, aos 50 anos, encarna o líder político da França

Corpo celeste

Aclamado na Europa em Hollywood pela habilidade de desafiar padrões, Denis Ménochet enfrenta dilemas éticos no thriller político 'Júpiter', sensação de Festival de Cinema Francês

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

"Todo corpo tem vez" é o lema a que Denis Ménochet, um dos atores franceses de visibilidade mais cosmopolita no cinema nas duas últimas décadas, agarrou-se ao desafiar a gordofobia e o algoritmo de beleza padrão, sem esconder o abdome sarado à custa de vinho e cerveja. Aos 50 anos, ele se esquiva do arquétipo do bonachão de cintura GG a que o cinema popular costuma confinar quem pesa mais de cem quilos e empresta carisma a anti-heróis e vilões plurais. Em "Júpiter", thriller político de Alexandre Smia que integra a programação do Festival de Cinema Francês, o ator troca o campo de batalha das relações humanas pelo bunker antinuclear de onde pode partir uma ordem capaz de mudar o destino da humanidade.

No filme, selecionado para a programação do Festival de Veneza, Ménochet interpreta Paul Archambault, presidente recém-eleito da França convocado ao Posto de Comando Júpiter, instalado sob o Palácio do Eliseu. O país enfrenta uma crise internacional depois que o presidente russo sobrevive a uma tentativa de assassinato, atribui o atentado aos ucranianos e ameaça retaliar. Sob pressão dos Estados Unidos, Archambault precisa decidir como reagir à escalada militar, cercado por conselheiros políticos e militares e pela perspectiva de uma catástrofe nuclear.

O título remete a um lugar real, revestido de uma aura quase mitológica, onde o chefe de Estado francês pode tomar, em absoluto sigilo, decisões de segurança nacional. Alexandre Smia, que assina o roteiro com Thomas Finkielkraut, quis explorar a tensão desse espaço fechado sem abrir mão do realismo. Segundo o diretor, num comunicado oficial no site de Veneza, "não é apenas um filme-catástrofe, mas uma investigação sobre o significado de ter nas próprias mãos o poder de destruir o mundo".

A escolha de Ménochet para encarnar o presidente dá ao suspense uma dimensão humana. O ator tem o dom de transformar a tensão em matéria física, fazendo com que o espectador perceba as fissuras de um personagem mesmo quando ele tenta preservar a aparência de controle. Foi assim em "Bastardos Inglórios" (2009), de Quentin Tarantino, no qual sua atuação como o fazendeiro francês Perrier LaPadite, submetido a um interrogatório nazista, converteu uma longa sequência de diálogo numa demonstração de suspense e terror. Também foi assim em "As Bestas" (2012), de Rodrigo Sorogoyen, drama que lhe rendeu o Goya de Melhor Ator e o colocou diante de um homem acuado pela hostilidade da comunidade onde tenta se recriar.

"Antes de tudo, vem a parceria com grandes colegas e a possibilidade de dimensionar as formas como posso me encaixar na pesquisa que diretores e elenco fazem da cena", disse Ménochet ao Correio Da Manhã, em Paris, ao refletir sobre seu trabalho. "Virei ator sem nunca ter feito teatro, de uma maneira inusitada. Fui a uma banca comprar seda para enrolar um baseado e vi um anúncio de um curso de interpretação. Fui lá, fiquei e acabei fazendo 'Bastardos Inglórios'", recordou.

Divulgação



O ator encarou a gordofobia de fernte nas cenas de nudez de 'Peter von Kant', de 2022

Divulgação



O jovem Ménochet com Christoph Waltz na icônica abertura de 'Bastardos Inglórios', de 2009

Depois da experiência com Tarantino, vieram papéis em produções de diferentes dimensões e linguagens, incluindo "Peter von Kant" (2022), de François Ozon, e "Beau Tem Medo" (2023), de Ari Aster, no qual contracenou com Joaquin Phoenix. "Logo depois do período mais crônico da pandemia, passei 11 meses da minha vida acordando e dormindo com as palavras 'ação' e 'corta' no ouvido. A solução foi se retirar por algum tempo para uma casa na Bretanha, na companhia de dois golden retrievers. O descanso não durou muito. Mas logo retomei o trabalho. Não dá para parar", disse Ménochet ao Correio em Berlim.

Esse artista polífico também tem uma relação direta com a questão dos padrões físicos impostos pelo audiovisual. Ao aparecer nu em "Peter von Kant", tomou consciência de detalhes do próprio corpo que nunca havia observado daquela maneira. "Quando me vi sem roupa, tomei um susto, pois nunca tinha visto o quanto a minha bunda estava grande. Apesar disso, estou nas telas. Todo corpo tem vez." Para ele, a continuidade do trabalho depende menos da adequação a um modelo corporal do que da confiança e da capacidade de oferecer algo singular às personagens. "Boas coisas entraram em convergência na minha vida por eu ter confiança em mim e por agir como um skatista que se lança numa rampa em busca do movimento perfeito, mas curtindo o movimento. No fim das contas, o cinema é uma fogueira que acende toda a indústria cultural pop que nos cerca. É bacana saber que a gente tem diversidade."

O ator destaca a pluralidade de cineastas e modelos de produção como uma das forças do país, citando François Ozon e Céline Sciamma. Em "Júpiter", essa diversidade de olhares desemboca numa questão política que dispensa respostas fáceis: como decidir quando qualquer escolha pode precipitar uma tragédia? Ao colocar Ménochet diante de um cenário em que a autoridade presidencial se confunde com a responsabilidade sobre milhões de vidas, Alexandre Smia transforma um thriller de tensão nuclear numa reflexão sobre poder, medo e os limites da ação humana. O filme tem sessões no Festival de Cinema Francês no Rio de Janeiro nesta sexta-feira, 30 de outubro, às 16h05, no Estação Claro Rio; no sábado, 31, às 15h25, no Estação Claro Gávea; e no domingo, 1º de novembro, às 15h45, novamente no Estação Claro Rio.

Num outro terreno político, a sororidade, o Festival de Cinema Francês brinda plateias brasileiras neste fim de semana com "A Casa das Mulheres" ("La Maison Des Femmes"), de Melisa Godet. Longa-metragem de estreia da escritora do romance "Les Augustines" na direção. Karin Viard e Latetita Dosch são parceiras valiosas em sua entrada no cinema. Ela narra o dia de um lar de acolhimento onde cuidam-se mulheres vítimas de violência. Se em outros lugares elas são ameaçadas, agredidas, violadas, mutiladas e têm o seu sofrimento ignorado, naquele espaço são ouvidas, apoiadas, ajudadas e acreditadas. Um time de profissionais irá ampará-las até que possam se reerguer, em equipe, mesmo que isso signifique arriscar o próprio equilíbrio pessoal. Tem sessões dele nesta sexta, no CineCarioca José Wilker, às 14h20; no Estação Claro Rio, às 14h; e no Kinoplex Leblon, às 18h. Domingo, essa pepita tem projeção às 15h50, no José Wilker. Segunda, às 15h55, ele passa no complexo da Voluntários da Pátria 35. É uma aula de inclusão.

Contagem regressiva para o Ano Maravilha

DC Comics surfa no aniversário de 85 anos da Princesa das Amazonas, prepara uma leva de HQs e cogita novo filme da heroína - sem Gal Gadot

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã


Divulgação

Criada pelo psicólogo William Moulton Marston e pelo ilustrador Harry G. Peter, a Mulher-Maravilha completa 85 anos de existência neste mês de outubro, consolidada como uma das figuras mais importantes da história dos quadrinhos de super-heróis - em especial por seu simbolismo feminista. Sua estreia aconteceu em 21 de outubro de 1941, nas páginas de All Star Comics nº 8, publicação da DC Comics. O aniversário chega acompanhado de uma nova fase comercial da personagem, impulsionada pelo sucesso da linha Absolute (já nas bancas do Brasil) e por uma estratégia de lançamentos que pretende aproximar diferentes gerações de leitores do universo de Diana de Themyscira.

Em terras brasileiras, um dos destaques dessa movimentação é a edição nº 15 de Mulher-Maravilha & Flash, da Panini, que coloca a princesa das Amazonas ao lado de um parceiro pouco provável: Robin. Em uma missão ultrassecreta para resgatar seus companheiros heroicos, Diana se une a Damian Wayne, o filho de Batman (atual Menino-Prodígio), numa tentativa de invadir a prisão de Amanda Waller, outrora líder do Esquadrão Suicida. A operação levanta uma questão decisiva: a dupla conseguirá libertar os aliados ou estará apenas caindo numa armadilha elaborada pela chamada Muralha para capturar a própria Mulher-Maravilha e seu jovem ajudante? O encontro reúne duas personalidades distintas e explora a capacidade da heroína de estabelecer alianças mesmo nas circunstâncias mais perigosas.

A comemoração dos 85 anos também ganha dimensão internacional com a decisão da DC de transformar 2027 no Year of Wonder, ou Ano Maravilha. A iniciativa prevê uma programação especial de histórias em quadrinhos, reunindo nomes consagrados do mercado americano. A partir de 20 de janeiro, "Wonder Woman" nº 41 inaugura uma nova etapa da revista principal, com roteiro de Louise Simonson, que escreverá pela primeira vez a série regular da personagem. O arco terá quatro edições e promete estabelecer uma nova configuração para Diana e seu universo. Na sequência, Stephanie Williams assumirá os roteiros ao lado da artista Elena Casagrande, em uma história planejada para seis números, com publicação até outubro de 2027.

Além das novas aventuras, a DC pretende revisitar momentos importantes da trajetória da heroína por meio da coleção "Get to Know! Wonder Woman", que reunirá seis quadrinhos gratuitos com trabalhos de artistas e roteiristas ligados a diferentes fases da personagem, entre eles Tom King, Daniel Sampere, Greg Rucka, Nicola Scott e Phil Jimenez. A celebração também terá uma dimensão física: uma estátua de bronze da Mulher-Maravilha poderá ser vista na entrada do Warner Bros. Studio Tour Hollywood, em Burbank, na Califórnia. A programação procura reafirmar o lugar de Diana no centro do universo editorial da DC, em um período de renovação de suas histórias e de expansão de seu público.

No mercado brasileiro, a Panini aproveita a efeméride para destacar títulos que atravessam diferentes períodos da mitologia da personagem. Entre eles estão Mulher-Maravilha: O Espírito da Verdade, obra dedicada aos dilemas da heroína diante da humanidade; DC de Ouro: Mulher-Maravilha, que recupera aventuras da fase inicial; e Wonder Woman nº 1 — Fac-Símile, reprodução da primeira edição da revista solo americana, publicada originalmente em 1942. O catálogo inclui ainda Mulher-Maravilha por Mike Deodato Jr., com uma trama em que Diana precisa defender sua posição depois que a rainha Hipólita determina a realização de um novo torneio para escolher a próxima campeã das Amazonas. São caminhos distintos para acompanhar a evolução de uma personagem cuja história combina mitologia, ação e discussões sobre liberdade e justiça.

A força comercial da Mulher-Maravilha também aparece no selo Absolute, linha da DC que apresenta versões alternativas de seus personagens clássicos. O desempenho da heroína nesse universo reforça o interesse por novas interpretações de sua origem e de seus poderes, sem abandonar os elementos fundamentais de sua identidade. Criada durante a Era de Ouro dos quadrinhos, Diana atravessou transformações editoriais, mudanças de linguagem e adaptações para diferentes mídias, mantendo-se como um símbolo de autonomia feminina. Sua trajetória é marcada tanto por confrontos com ameaças sobrenaturais quanto por conflitos políticos e morais, que ampliam o alcance de suas histórias para além das batalhas entre heróis e vilões.

O aniversário também reacende as especulações sobre o futuro audiovisual da personagem, mas sem a atriz Gal Gadot, afogada em polêmicas sionistas. A possibilidade de uma nova intérprete para o papel de Diana no universo cinematográfico da DC tem alimentado rumores em torno da atriz Adria Arjona, embora não haja confirmação oficial de sua escalação. Enquanto o estúdio define os próximos passos da heroína no cinema, os quadrinhos seguem como o principal território para renovar sua mitologia. Entre o encontro improvável com Robin na edição nº 15 de Mulher-Maravilha & Flash, os lançamentos brasileiros da Panini e a programação especial anunciada para 2027, a princesa de Themyscira demonstra que, oito décadas e meia depois de sua estreia, ainda tem muitao bandido pra prender.

Arte peruana desde o bosque

Exposição no Instituto Cervantes explora os saberes da cultura indígena da Amazônia do país vizinho

Por Mayariane Castro

Divulgação



Obra do indígena Dimas Paredes incorpora arte, magia, cultura e saberes dos povos originários peruanos

A exposição "Mirar el bosque desde el bosque" foi inaugurada e aberta na última terça-feira (27) no Instituto Cervantes de Brasília, com reproduções de obras dos artistas peruanos Dimas Paredes e Shoyan Shëca, ligados à região de Ucayali, na Amazônia peruana.

Realizada pela Embaixada do Peru e pelo Instituto Cervantes, a mostra tem curadoria de Gredna Landolt e apresenta pinturas que relacionam a floresta aos conhecimentos ancestrais, à espiritualidade e às formas de vida dos povos amazônicos.

A mostra propõe abordar a Amazônia a partir das perspectivas de artistas que cresceram em contato com o território e com as tradições culturais da região. Nas obras, animais, plantas, rios e árvores aparecem associados a seres espirituais e entidades protetoras, presentes nas cosmologias representadas pelos artistas. A floresta é apresentada não apenas como espaço físico, mas como um sistema de relações entre seres humanos, outras espécies e forças espirituais.

Concepções de mundo

A iniciativa também busca estimular a reflexão sobre as formas de interação entre a sociedade e o ambiente natural. Ao reunir duas trajetórias artísticas distintas, a mostra apresenta conhecimentos transmitidos entre gerações e concepções de mundo nas quais a preservação da natureza está relacionada ao equilíbrio entre os diferentes componentes do ecossistema.

Nascido em 1954, em Masisea, na região peruana de Ucayali, Dimas Paredes vive e trabalha em Pucallpa. Sua produção tem como referência os conhecimentos tradicionais da floresta e suas dimensões espirituais. O artista foi discípulo do pintor vegetalista Pablo Amaringo, conhecido por uma produção associada às experiências e aos saberes da Amazônia peruana.

As pinturas de Paredes apresentam composições detalhadas da vegetação amazônica e de seres associados à proteção da natureza. Plantas, animais e entidades espirituais aparecem integrados em cenários que remetem às relações entre o mundo natural e as tradições culturais da região.

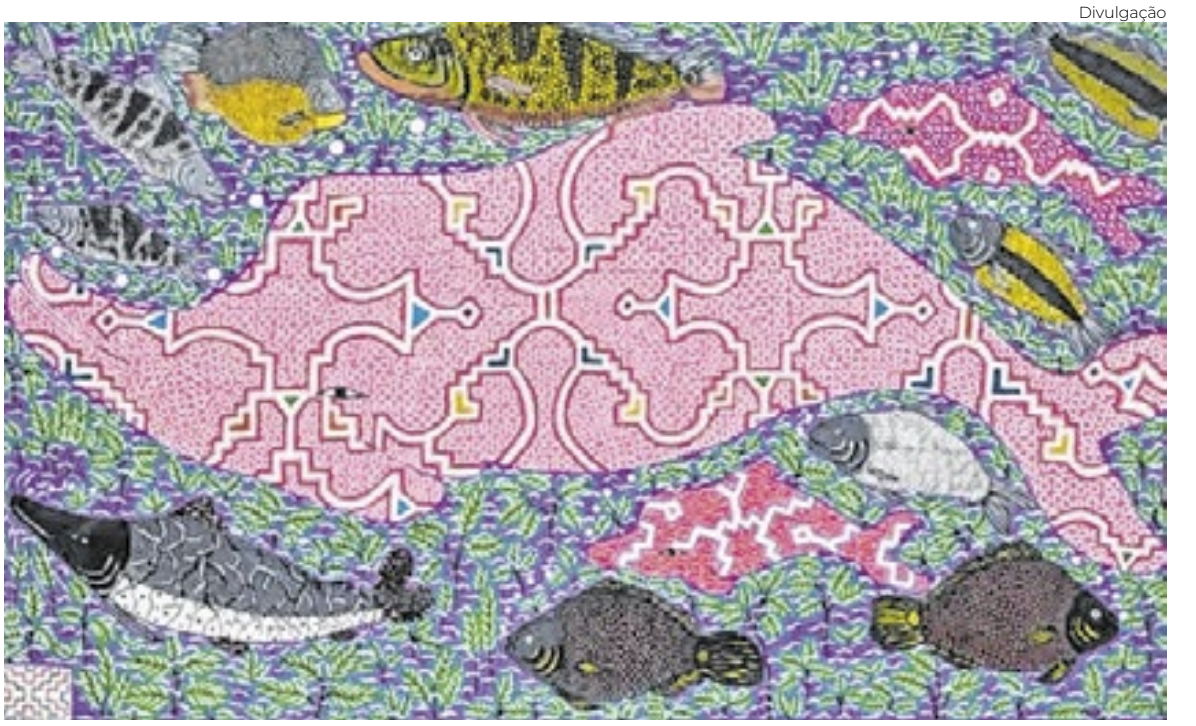
A trajetória do artista inclui participação em exposições internacionais, entre elas "Amazonía Contemporánea", realizada em Madri, na Espanha. Suas obras também integram a coleção permanente do Museu de Arte de Lima (MALI), instituição dedicada à preservação e à divulgação da produção artística peruana.

A presença de Paredes na exposição de Brasília permite apresentar ao público uma produção que articula referências da paisagem amazônica e conhecimentos vinculados às tradições locais.

Fauna, flora e grafismos

Experiências distintas de unem para contar a arte dos povos da floresta

Divulgação



Fauna e flora da Amazônia: os temas principais da obra de Shoyan Shëca

O segundo artista da mostra é Shoyan Shëca, nome artístico de Roldán Pinedo, nascido em 1968 na comunidade indígena de San Francisco, em Ucayali.

Integrante do povo Shipibo, ele desenvolve uma produção autodidata que utiliza a pintura para registrar e transmitir referências culturais, memórias e conhecimentos de sua comunidade.

Suas obras retratam elementos da fauna e da flora amazônicas e incorporam o kené, sistema tradicional de grafismos associado à identidade cultural e à espiritualidade Shipibo.

Esses padrões fazem parte das expressões artísticas desse povo e estão presentes em diferentes suportes, como tecidos, cerâmicas e outros objetos.

Na produção de Shëca, os grafismos integram a representação da floresta e estabelecem relações entre formas, conhecimentos tradicionais e identidade coletiva.

A pintura funciona, nesse contexto, como meio de expressão artística e de continuidade de referências transmitidas entre gerações.

O artista participou de exposições internacionais em cidades como Paris e Madri. Sua trajetória integra o campo da arte indígena contemporânea peruana, no qual artistas de diferentes povos apresentam suas experiências e perspectivas sobre território, cultura e memória.

A participação de Paredes e Shëca na mesma exposição permite aproximar linguagens que partem de experiências distintas, mas compartilham a relação com os conhecimentos amazônicos. Enquanto as composições de Paredes exploram a coexistência entre vegetação, animais e entidades espirituais, a obra de Shëca incorpora referências do repertório visual e cultural do povo Shipibo.

Osmar Prado prova **o veneno do teatro**

Montagem retorna à Caixa Cultural, tendo também Maurício Machado também no elenco

Por Mayariane Castro

O espetáculo "O Veneno do Teatro", dirigido por Eduardo Figueiredo e protagonizado por Osmar Prado e Maurício Machado, retornou a Brasília para uma temporada de dez apresentações na Caixa Cultural.

A montagem brasileira, que já percorreu cidades de diferentes regiões do país, adapta o texto do dramaturgo espanhol Rodolf Sirera e inclui música executada ao vivo pelo violoncelista Matheus Vieira. A direção musical é de Guga Stroeter.

A capital federal recebeu a pré-estreia da produção, com sessões esgotadas e uma apresentação extra.

Quase três anos depois, o espetáculo volta à cidade após realizar mais de 160 apresentações no Brasil, incluindo temporadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. A peça acompanha o encontro entre Gabriel De Beaumont, um ator conhecido e ambicioso, interpretado por Maurício Machado, e um marquês, vivido por Osmar Prado.

Experiência

O aristocrata convida o artista para interpretar uma obra teatral de sua autoria.

Durante o encontro, porém, a proposta se transforma em um jogo psicológico no qual o anfitrião assume o controle da situação.

O ator percebe que o convite faz parte de uma experiência planejada para submetê-lo a situações extremas.

À medida que a relação entre os personagens se desenvolve, os limites entre realidade e ficção se tornam menos definidos. O marquês revela intenções que ultrapassam o exercício artístico e passa a expor sua disposição para recorrer à crueldade a fim de alcançar seus objetivos.

A narrativa utiliza o suspense para discutir as relações entre poder, representação e comportamento humano. A situação vivida pelos dois personagens também coloca em questão a posição do ator diante de quem dirige a cena e a participação do público na observação de situações de conflito.

Após a ditadura

Escrita por Rodolf Sirera na década de 1970, a obra surgiu na Espanha após a ditadura de Francisco Franco, durante o início do processo de democratização do país.

Divulgação



Osmar Prado e Maurício Machado fazem um duelo na peça do espanhol Rodolf Sirera

Embora o texto original tenha sido concebido nesse contexto, a história se passa na França de 1784, às vésperas da Revolução Francesa.

Na versão brasileira, a encenação dirigida por Eduardo Figueiredo adota referências visuais da Paris dos anos 1920 para a ambientação da peça. A produção também introduz uma característica que, segundo os responsáveis pela montagem, diferencia a versão nacional das demais: a presença de música ao vivo, executada por um violoncelista durante a apresentação.

A trilha musical integra a construção da atmosfera cênica e acompanha o desenvolvimento do confronto entre os protagonistas. O trabalho musical é assinado por Guga Stroeter.

Embate extremo entre os personagens

Jogo psicológico põe em confronto os dois atores e o público

A montagem reúne dois personagens com perfis distintos, cuja relação se transforma ao longo da encenação. O embate entre eles conduz a narrativa e sustenta as mudanças de direção da trama, que alterna momentos de negociação, ameaça e revelação. Em declaração sobre o texto, o autor Sirera descreve a peça como uma reflexão sobre a diferença entre ser e representar, estruturada como uma fábula moral e um suspense em torno da natureza da arte.

Figueiredo, por sua vez, relaciona a obra a questões contemporâneas. Para o diretor, o texto propõe uma reflexão sobre civilidade, poder e os limites da crueldade humana em um cenário marcado por conflitos e retrocessos nas relações sociais. "Em um momento com tantas adversidades, em que o homem apresenta sérios sinais de retrocesso e barbárie, a obra de Rodolf Sirera nos traz uma importante reflexão sobre civilidade, poder e até onde pode ir a crueldade do ser humano", ressalta.

Traduzida para idiomas como inglês, francês, italiano, japonês, grego, polonês e português, entre outros, "O Veneno do Teatro" foi encenada em países como Espanha, Inglaterra, França, Venezuela, Argentina, México, Estados Unidos, Grécia e Japão. De acordo com as informações da produção, a obra foi vista por mais de seis milhões de pessoas em montagens realizadas em 62 países e recebeu mais de 30 prêmios internacionais ao longo de sua trajetória. O texto permanece em circulação desde sua criação, com novas montagens em diferentes mercados teatrais.

Arquivo Correio da Manhã



Peça foi escrita ao final da ditadura de Francisco Franco

No Brasil, a produção passou por capitais como Belém, Belo Horizonte, Curitiba, Vitória, Florianópolis, Goiânia e Porto Alegre, além de cidades do interior. A montagem também cumpriu quatro temporadas no Rio de Janeiro e quatro em São Paulo, segundo os responsáveis pelo espetáculo.

Dez melhores

Em 2024, a peça foi incluída pela Folha de S.Paulo entre os dez melhores espetáculos da temporada. Em setembro daquele ano, recebeu 14 indicações ao 23º Prêmio Cenym de Teatro Nacional, entre elas as categorias de melhor espetáculo, melhor ator, para Osmar Prado, e melhor ator coadjuvante, para Maurício Machado. A produção também recebeu avaliações de críticos de teatro de diferentes estados. Os comentários destacaram a construção do suspense, o confronto entre os protagonistas e a maneira como a encenação explora as relações.